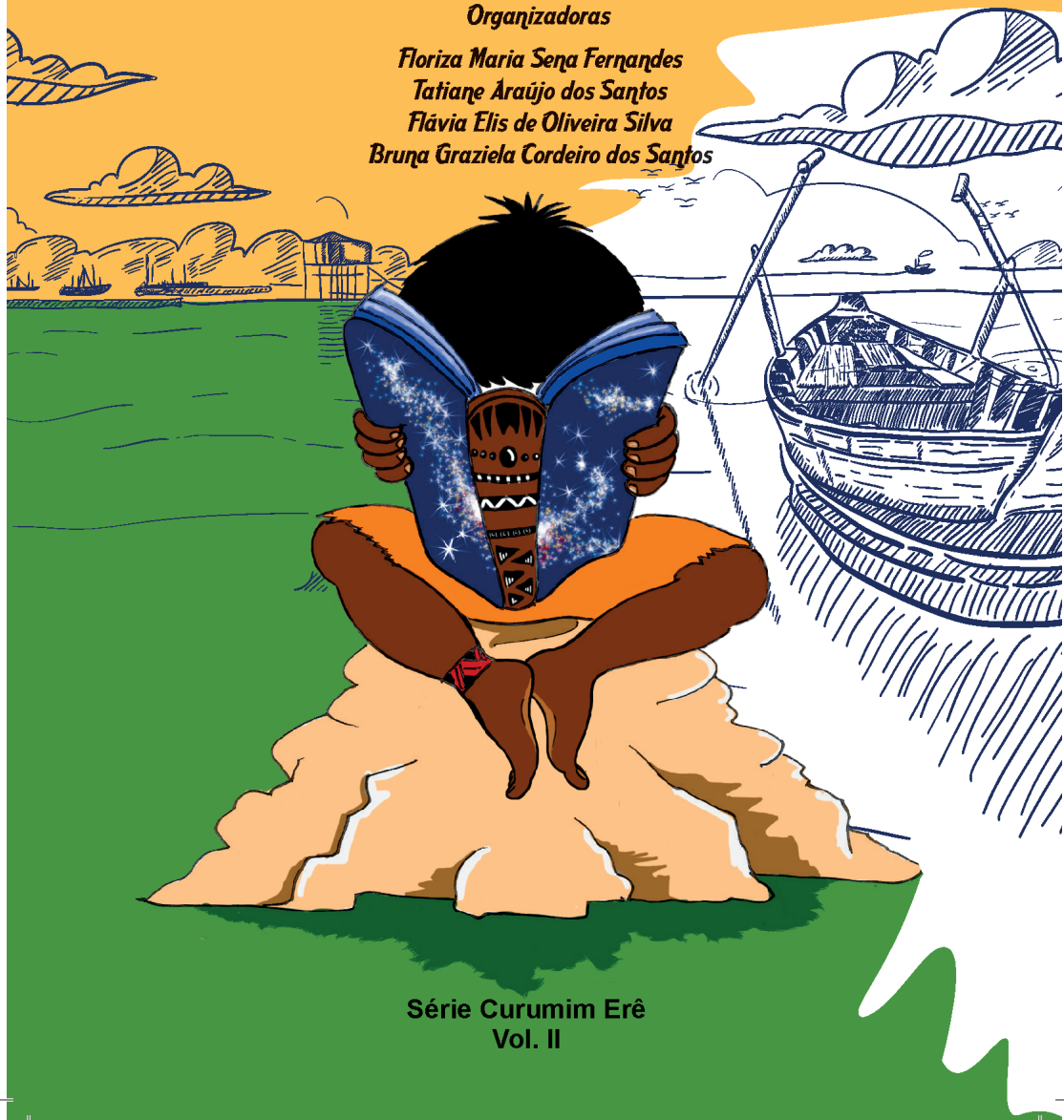


# Narrativas Indígenas

Organizadoras

Floriza Maria Sena Fernandes  
Tatiane Araújo dos Santos  
Flávia Elis de Oliveira Silva  
Bruna Graziela Cordeiro dos Santos



Série Curumim Erê  
Vol. II



## **Organizadoras**

Floriza Maria Sena Fernandes

Tatiane Araújo dos Santos

Flávia Elis de Oliveira Silva

Bruna Graziela Cordeiro dos Santos

# **Narrativas Indígenas**

*Série Curumim Erê*  
*Vol. II*



Paulo Afonso - BA

Assis - SP

2019

Seike & Monteiro

**2019. Universidade do Estado da Bahia - UNEB - DEDC Campus VIII  
Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação - OPARÁ**

**Organizadoras**

Floriza Maria Sena Fernandes  
Tatiane Araújo dos Santos  
Flávia Elis de Oliveira Silva  
Bruna Graziela Cordeiro dos Santos

**Capa**

Carlos Rafael Luz de Sousa

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Bruna Graziela Cordeiro dos Santos  
Jéssica Caroline Azevedo Araujo

**Pintura e ilustração digital**

Carlos Rafael Luz de Sousa

**Ilustrações**

Carlos Alberto Cruz Fonseca - Tuxá  
Jandair Ribeiro - Tuxá  
Jeykson Cataá Cá Arfer - Tuxá  
Carlos Rafael Luz de Sousa

**Digitização/Digitalização**

Flávia Elis de Oliveira Silva  
Valdicléa de Souza Silva

**Revisão textual**

Wbaneide Martins de Andrade  
Edivane Lima Fonseca Pergentino

**Autores Indígenas**

Cléa Maria de Jesus - Pankararé  
Maria Aparecida C. Lima - Potiguara do Oeste  
Nair Maria Gonzaga - Tumbalalá  
Antônia Flechiá Tuxá - Tuxá de Rodelas  
Elizabeth Apako Tuxá - Tuxá de Rodelas  
Evanilson José Xavier - Tumbalalá  
Bruno Moreira da Gama - Kaimbé  
Maria José Ferreira dos Santos  
Ilklênia Tuxá - Tuxá Banzaê  
Elizete Ferreira da Silva - Kaimbé  
Maria Leidiane Marinheiro - Tumbalalá

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Vania Aparecida Marques Favato – CRB/8 – 3301

N234 Narrativas indígenas / Organizadoras: Floriza Maria Sena Fernandes; Tatiane Araújo dos Santos; Flávia Elis de Oliveira Silva e Bruna Graziela Cordeiro dos Santos. Paulo Afonso: UNEB - Universidade do Estado da Bahia; Assis: Seike & Monteiro, 2019.  
44 p. : il. (Série Curumim Erê, v. 2)

Vários autores  
ISBN: 978-65-80928-02-6

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Contos indígenas.  
3. Índios - Educação. I. Fernandes, Floriza Maria Sena. II. Santos, Tatiane Araújo dos. III. Silva, Flávia Elis de Oliveira. IV. Santos, Bruna Graziela Cordeiro dos.

CDD 028.5



# Narrativas Indígenas

Série Curumim Erê  
Vol. II

## Realização:

DEDC - CAMPUS VIII  
Departamento  
de Educação



**UNEB**  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA



**CENTRO DE PESQUISAS EM ETNICIDADES,  
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO**  
Juazeiro - Paulo Afonso - Euclides da Cunha



**SABERES  
Indígenas**  
1997-2006



**LICEI**  
LICENCIATURA INTERCULTURAL  
EM EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO  
ESCOLAR INDÍGENA



**PROAF**  
PRÓ-REITORIA  
DE AÇÕES AFIRMATIVAS



**PROEX**  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



**PROIND**

## Parceiros:



SECRETARIA  
DA EDUCAÇÃO

SEMESP  
Secretaria de Modalidades  
Especializadas de Educação



**Copyright (OPARÁ/UNEB)**  
**OPARÁ: CENTRO DE PESQUISAS EM ETNICIDADES, MOVIMENTOS**  
**SOCIAIS E EDUCAÇÃO DA UNEB**  
**ACÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA**

**Universidade do Estado da Bahia - UNEB**

***Reitor***

José Bites de Carvalho

***Vice-Reitor***

Marcelo Duarte Dantas de Ávila

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação - PPG**

***Pró-Reitora***

Tânia Maria Hetkowski

**Pró-Reitoria de Extensão - PROEX**

***Pró-Reitora***

Adriana dos Santos Mármori Lima

**Pró-Reitoria de Ensino de Graduação**

***Pró-Reitora***

Eliene Maria da Silva

**Pró-Reitoria de Ações Afirmativas - PROAF**

***Pró-Reitora***

Amélia Tereza Santa Rosa Maraux

**Departamento de Educação - Paulo Afonso**

***Diretora***

Susana Menezes Luz de Souza

**Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais - Juazeiro**

***Diretor***

Leonardo Diego Lins

**Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias - Euclides da Cunha**

***Diretora***

Nelson Nascimento da Silva

**Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação (OPARÁ - UNEB/CNPq)**

***Coordenadores***

Floriza Maria Sena Fernandes - Coord. Geral

Eloy Lago Nascimento - Coord. Núcleo Paulo Afonso

Carlos Alberto Batista dos Santos - Coord. Núcleo Juazeiro

Telma Cruz Costa - Coord. Núcleo Euclides da Cunha

Wbaneide Martins de Andrade - Líder DG OPARÁ-UNEB/CNPq

**LAPRAXIS: Laboratório de Ensino e Pesquisa para as Relações Etnico Raciais e Produção de Material Didático - OPARÁ - UNEB**

Prof. Dorival Vieira de Almeida Tuxá

Prof. Tayra Vieira de Almeida Tuxá

**LICEEI - Licenciatura Intercultural de Educação Escolar Indígena**

***Coordenadora***

Floriza Maria Sena Fernandes

**Ação Saberes Indígenas na Escola - Território Etnoeducacional YbyYara**

Floriza Maria Sena Fernandes - Coord. Geral

Tatiane Araújo dos Santos - Coord. UNEB

Edson Machado de Brito - Coord. Adjunto IFBA

**Secretaria de Educação do Estado da Bahia**

**Núcleo Territorial Regional 24**

Tatiane Araújo Tuxá

**Conselho Editorial**

Elaine Patrícia Krin Sí Atikum

Rosilene Silva Sá Pankararé

Rosivânia Cá Afer Catáa Tuxá

Cirila Santos Gonçalves Kaimbé

Maria de Fátima Ferreira de Carvalho Kaimbé

Maria Dilza da Hora França Kiriri

Cecília Lopes Marinheiro Tumbalalá

Rafael Cruz da Silva Tuxá

Paula Batista de Almeida Kiriri

Tayra Vieira de Almeida Tuxá

Sheila Gomes de Araújo Kantaruré



## SUMÁRIO

Apresentação .....	10
Observando a Natureza .....	11
A Lenda da Fonte Tambiá .....	14
A Mãe D'Água .....	16
Capivara nas Margens da Ilhota .....	18
O Galo e a Raposa .....	21
A Índia Kaimbé .....	23
O Sapo que queria voar .....	24
Na minha aldeia tem .....	25
A Índia do Canta Galo .....	27
A Onça Encantada do Serrote .....	29
A Sucuri .....	31
A Indiazinha que virou Flor .....	34
A Onça e o Macaco .....	36
Namoro Tumbalalá: A sabedoria e o tempo .....	39
Brincadeira de criança nas areias de D'Zurubabé .....	41
A Minha Infância na Aldeia que a CHESF afogou .....	42

# Apresentação

Como os parentes vivem em suas comunidades? Em que acreditam? Como é seu cotidiano? O que fazem as crianças e os adultos no dia a dia? Essas perguntas e muitas outras ficam rondando a nossa cabeça. E a pergunta que nos deixa mais curioso é aquela que tem diversas respostas e nos faz refletir bastante: Como os parentes vivem em suas comunidades?

No Estado da Bahia existem diversos povos e comunidades indígenas. E como eles vivem? Cada povo em sua comunidade de acordo com suas crenças, culturas tem o seu jeito de viver. Às vezes o seu jeito de viver parece com o jeito de viver de outras comunidades, ou pode ser bem diferente. O importante é que todos têm um aspecto em comum: são indígenas! E vivem na luta de defender seu território para manter viva sua cultura.

Aqui são contadas histórias oriundas das comunidades indígenas do norte e oeste da Bahia, retratando situações do cotidiano, rituais, relações com a natureza, crenças e diversos aspectos do modo de vida, escritas e ilustradas por professores das escolas indígenas. Em alguns dos contos reunidos nesse livro podemos observar o tratamento dado às forças espirituais, a natureza, a fé, a esperança, a força, a garra, as crenças, os medos e principalmente ao modo vida, e tantos outros anseios e sentimentos dos indígenas retratados nesses textos.

É importante, aventurante e instigante conhecer e saber sobre os povos indígenas da Bahia, sobre os parentes, para conhecer os seus modos de vida. Nesse livro são reunidas narrativas escritas por professores das escolas indígenas da Bahia que retratam as histórias contadas e vividas no seu cotidiano, será que você conhece algumas dessas histórias?

Esperamos que você goste das palavras, textos, ilustrações e principalmente dos sentimentos presente nas páginas seguintes. Utilizem esse material tão rico de informações, aventura, modo vida, cotidiano e principalmente dedicação dos professores que escreveram essas narrativas.

*Anny Carneiro Santos*

## Observando a Natureza

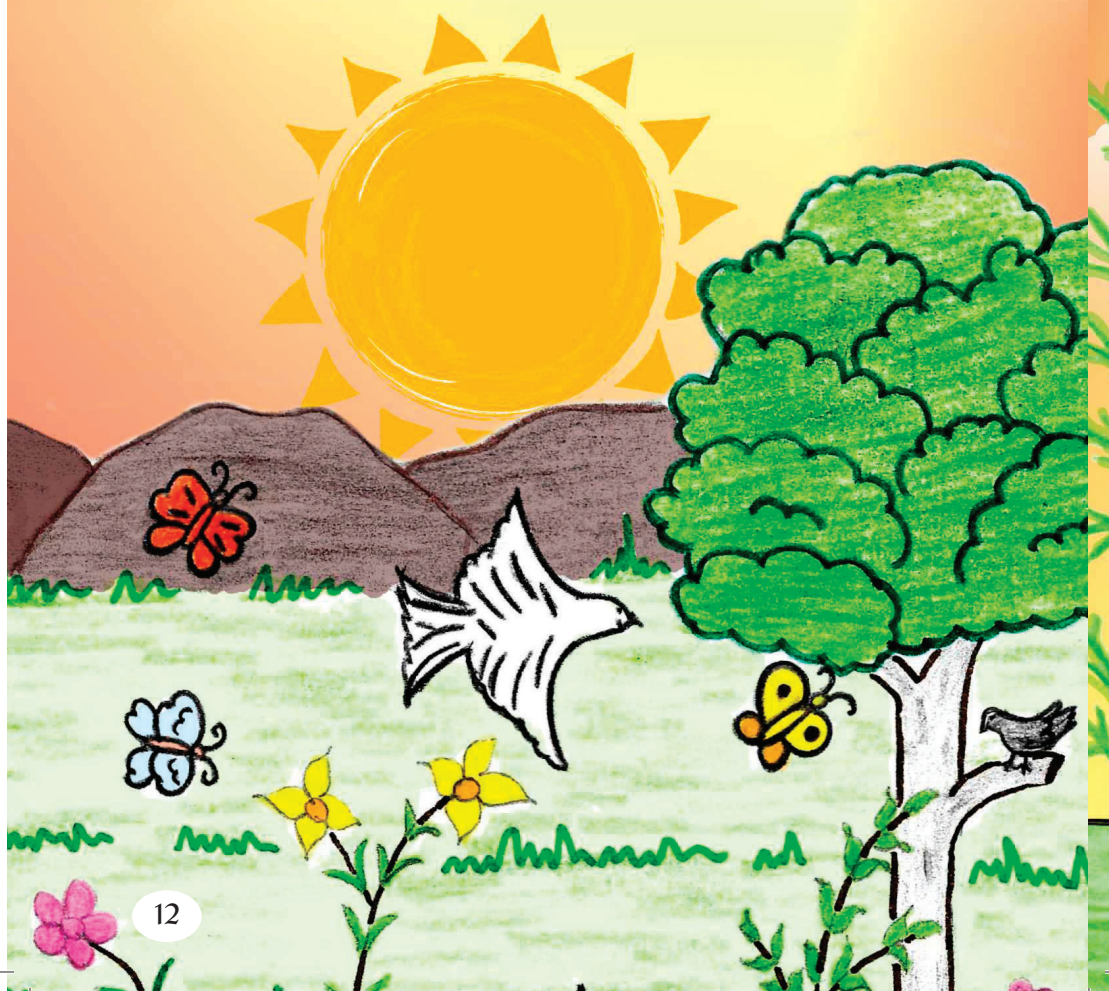
Havia na aldeia, uma índia chamada Indá. Ela vivia de bem com a vida e gostava de se comunicar com a natureza. Nos momentos de tristeza se sentia só e ia buscar refúgio na natureza, que tanto lhe fazia bem.

Indá observava as coisas com muita atenção e carinho, admirava as montanhas, as plantas, os pássaros, as borboletas, o céu e tudo mais. E quanto mais ela olhava... mais beleza ela achava.





Gostava de ir ao lago para ver os peixes e as tartarugas nadarem. Tudo lhe fazia muito bem. Logo pela manhã, observava o nascer do sol e as nuvens no céu. Indá percebeu que tudo era lindo de se ver, sentir e de viver. Ela entendeu que só de observar a natureza ao seu redor, já tinha sentido para ela viver junto à natureza.





Então Indá ouviu uma voz que disse:

- Não se sinta triste e nem só, porque estarei sempre ao seu lado.

Você é muito especial.

Indá ouviu tudo isso e ficou muito feliz, percebeu que não estava só ou nunca esteve só. Ela era especial, porque tinha o dom de ouvir os encantados da natureza e não sabia.



## A Lenda da Fonte Tambiá

Reza a lenda que Aipré era uma linda índia virgem da tribo dos Potiguaras e que teria se apaixonado por um lindo índio guerreiro da tribo rival, os Cariris.

O amor entre eles surgiu no tempo em que Tambiá teria sido preso pelos Potiguaras.

Tambiá foi ferido em batalha, logo ficou fraco e tornou-se prisioneiro. Mesmo assim recebeu as honras dos vencedores.

Segundo a tradição indígena foi lhe concedida Aipré, filha do cacique, como esposa de morte e após o casamento Tambiá foi executado.





Sua dor foi tanta que de suas lágrimas brotou uma fonte de águas claras e límpidas que ficou conhecida como Fonte Tambiá, hoje na cidade de João Pessoa simplesmente e conhecida como “A Bica”.

Assim, Aipré muito triste fugiu para o seio da mata e lá chorou durante cinquenta luas.



# A Mãe D'Água

Certo dia dona Filomena, seu Juca e seu filho José saíram para trabalhar na roça, pois lá havia uma plantação de mandioca. Dona Filomena deixou dois filhos menores em casa com a avó – os dois filhos fugiram para brincar no Velho Chico – O rio São Francisco.

Eles ficaram brincando na beirada do rio tomando banho, fazendo casinha de areia, rolando nas pedras e correndo pra lá e pra cá. Quando de repente os meninos avistaram a Mãe D'Água, uma mulher muito bonita com cabelos longos e pretos, olhos verdes e da cintura para baixo com rabo de peixe.

Os meninos ficaram encantados com aquela beleza que estava ali diante dos seus olhos, mas logo em seguida bateu um medo então eles falaram um para o outro:  
Vamos correr!





E saíram correndo com tudo. Chegaram em casa assustados, de olhos arregalados e o coração em tempo de sair pela boca de tão espantados que estavam. A avó vendo aquela confusão dos meninos, perguntou:

O que foi meninos? Porque estão tão assustados assim?

Vó, nós vimos a Mãe D'Água no rio e saímos correndo, ela é muito bonita.

Estão vendo, crianças pequenas não podem ficar no Rio sem a presença de um adulto.

A Mãe D'Água é um Encanto, ela apareceu para proteger vocês do perigo que estavam correndo no Rio sozinhos.

Os meninos assustados disseram:

Nós nunca mais vamos para o Rio sozinhos, vú porque agora aprendemos a lição!

## Capivara nas margens da ilha

Às margens do rio São Francisco há muitos anos atrás, morava um povo indígena. Esta aldeia tinha uma ilha muito grande e cheia de riquezas, cercada por várias ilhotas cada uma mais linda que a outra.

Havia uma ilha localizada perto da correnteza do Serrote, lugar sagrado desse povo, morada dos Encantados – “Ilha da Porta”.

Nesta ilha viviam muitos bichos do rio Opará\*, dentre eles uma Capivara lustrosa, alegre e feliz. Ela gostava de sair dos calombi\* toda tarde para dar um passeio às margens do Rio para rever seus amigos. Ela se sentia dona daquele lugar.

Certo dia, o Sol estava tão quente que parecia está mais próximo da terra, pois era ardente e luminoso. Dona Capivara resolveu dar seu passeio mais cedo, e saiu em pleno meio dia toda suada, para tomar seu banho nas águas limpas e serenas do rio São Francisco, sua pele brilhava diante do sol. A Capivara se refrescava e seu pelo ficava sedoso e brilhante, tanto que não dava para passar despercebida aos olhos do caçador.

### Glossário

\*. Nome indígena do Rio São Francisco que significa Rio Mar.

\*. Vegetação típica da Ilhota.



O amigo Jacaré ao se aproximar disse:  
Olá Capivara! Está se banhando a esta hora? Logo você que tem medo de perigo!

Sim, eu mesma não estava suportando ficar dentro dos calombis, resolvi refrescar-me mais cedo, o calor estava insuportável. E você? O que faz aqui meu amigo?

Estava passando e fiquei te admirando. Você está bela nesta água, não tem medo dos caçadores aparecerem nesta ilha, Capivara? Eles agora estão vindo com maior frequência nestas ilhotas, parece que falta alimento em suas casas.

Eu tenho bastante medo, mas não estava suportando tanto calor escondida na mata, tomei coragem e vim para esta água maravilhosa.

O jacaré já convencido disse:

Você tem razão! Só precisamos ser mais amigos para poder viver nesta natureza bela e cuidar uns dos outros.

Dizendo isso logo foi se afastando e a Capivara continuou no seu banho, brincando na correnteza das águas. De repente apareceu um barco repleto de caçadores que estavam escondidos na tocaia da caçada.





Só que neste momento a Lontra, que era muito esperta, estava com o pescoço fora da água, atenta a tudo, então nadou bem rápido e conseguiu chegar a tempo de avisar a sua amiga, dizendo:

Capivara, mergulhe e nade rapidamente. Corra, pois o caçador te viu! Assim, a Lontra se aproxima e puxa sua amiga para sua morada e juntas ficaram escondidas só observando os caçadores de longe. Eles que há muito tempo estavam escondidos se cansaram e foram deixando a Capivara livre.

Dona Capivara saiu do esconderijo, convocou toda a bicharada e disse:

Vou dar uma festa nas margens desta ilha, convido você amiga Lontra, o amigo Jacaré e todos os peixes e bichos desta região. Vou comemorar a minha vida, se não fosse à esperteza de Dona Lontra, hoje eu estaria morta na mesa dos caçadores. Depois dessa, aprendi que para viver neste mundo precisamos nos unir em defesa dos nossos animais e da natureza.





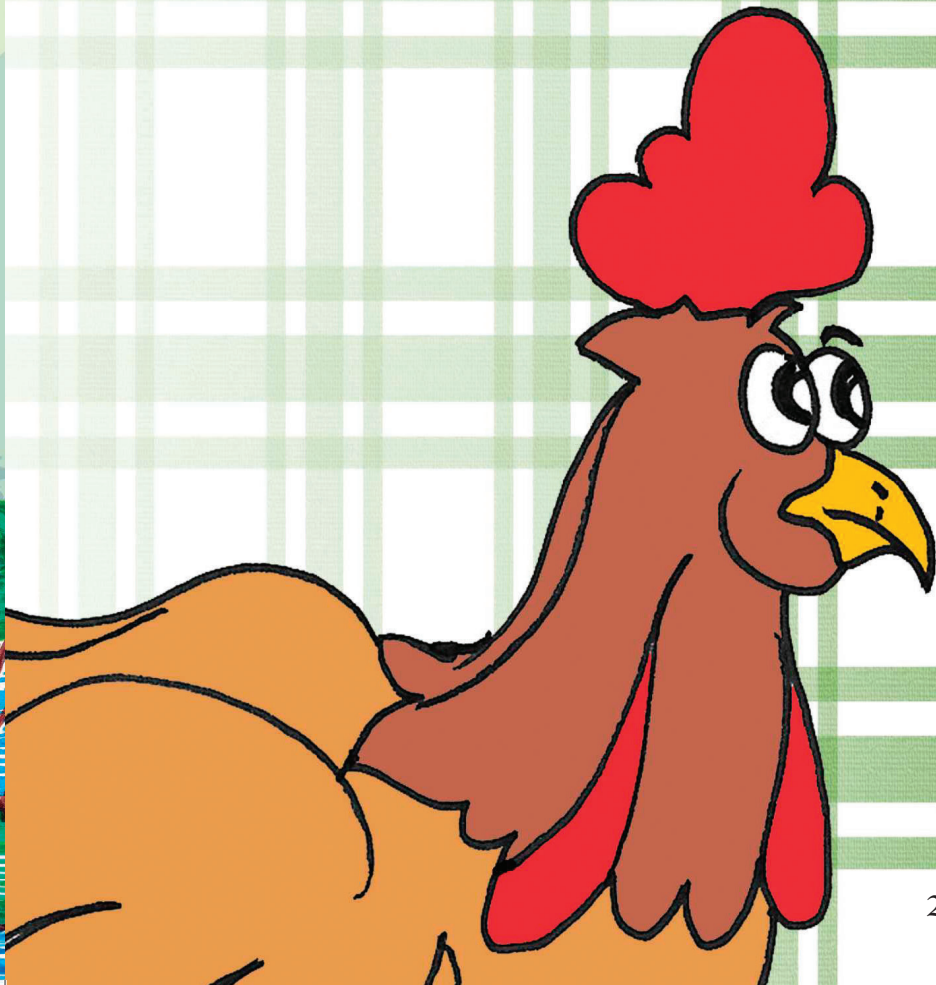
## O Galo e a Raposa

Certo dia fui ao mato caçar lenha e vi um galo catando caroço de favela e mais afastado tinha uma raposa. Quando o galo viu a raposa deu um pulo e sentou em cima da faveleira. O galo ficou olhando para os lados sem querer demonstrar que estava com medo da raposa.

A raposa muito esperta e desconfiada, perguntou:

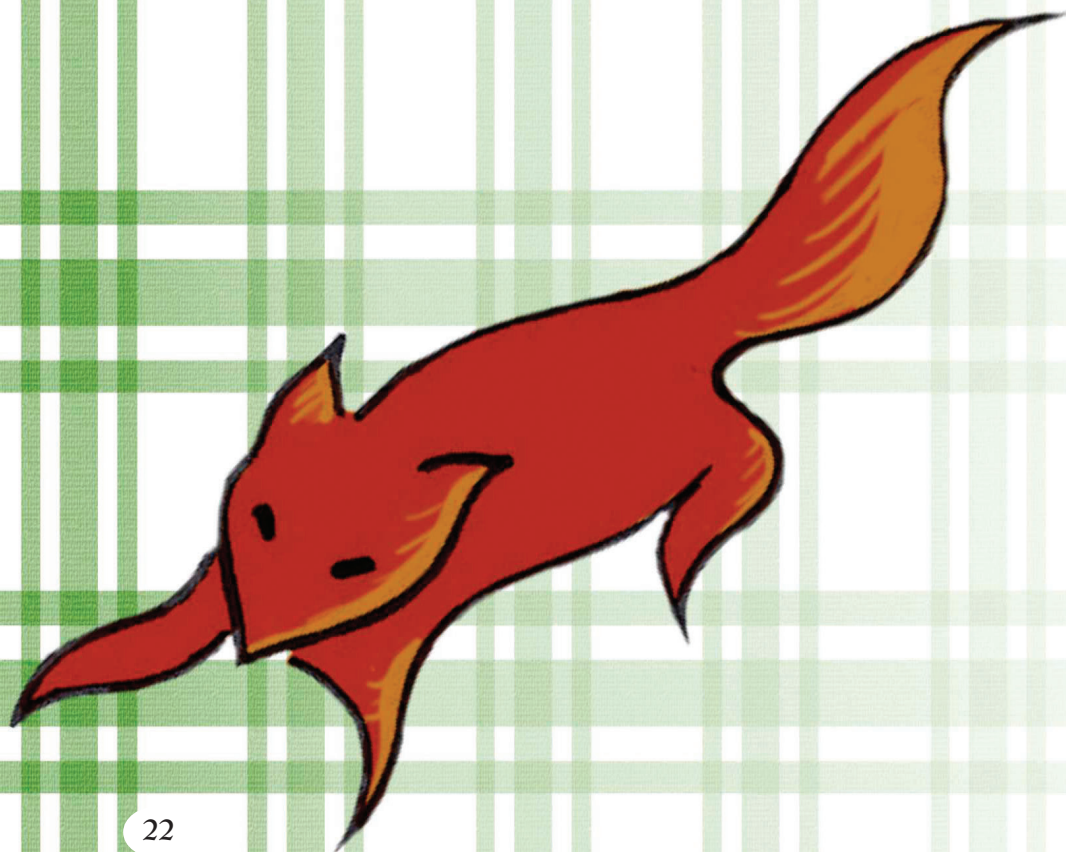
O que olha meu galo? Ele respondeu:

Um cachorro enorme!!!



Que cor é esse cachorro? Retrucou a raposa.  
Ele é rajado malhado, amiga raposa.  
Eu nunca vi cachorro rajado por onde eu já passei. Eu vou  
embora.

O galo bateu as asas e disse:  
Cocoricó era isso que eu queria. Vá em paz raposa, que eu fico  
sossegado catando meus carochos de favela.





## A índia Kaimbé

Era uma vez um casal de velhos que moravam em um lugar muito bonito chamado de Ilha. Eles cuidavam de dois netos.

Um dia o menino disse para a sua avó:

Vou à cachoeira buscar água, com minha irmã. Sua avó foi logo dizendo:

Não demore, fico preocupada sempre que vão pra lá. Os dois montaram no jegue com os carotes.

No momento que estavam enchendo os carotes ouviram uma voz muito bonita cantando.

Quem será? Perguntou a menina.

Não sei, vamos ver. Disse o menino.

Saíram os dois netos correndo rio à cima quanto mais perto chegavam, mais bonita era a voz.

Os dois pararam de correr juntos, lá estava sentada em uma pedra, tomando banho e cantando um lindo Toré, era uma índia Kaimbé.



## O sapo que queria voar

Certo dia o sapo ficou observando os passarinhos voando pra lá e pra cá sobre as árvores e pensou: Meu Deus, porque será que eu não posso voar também? A partir daquele dia não conseguia mais se concentrar nos seus afazeres diários, pois só pensava em voar. E então pensou: Vou falar com meu amigo galo sobre a minha angústia.

Bom dia amigo galo! Tudo bem?

- Tudo bem senhor sapo, mas o que o traz aqui?

É o seguinte: vejo os passarinhos voando e eu não consigo voar. O que devo fazer?

Então o galo disse:

Cada um nasce com um dom e devemos nos acostumar com isso, afinal existem coisas que o amigo sapo faz que os amigos passarinhos não conseguem fazer, que é nadar em águas profundas.

O sapo saiu de lá aliviado e sua vida voltou a ser como era antes. E o sapo nunca mais reclamou por não saber voar.



# Na minha aldeia tem

Na minha aldeia tem,  
Muitas coisas boas para falar.  
A riqueza é uma delas,  
Que devemos cultivar.

As nossas matas são ricas,  
Pois nelas podemos encontrar,  
Muitas frutas e verduras,  
Para nos alimentar,

O solo aqui é bom,  
De tudo ele dar.  
Precisamos estar fortes,  
Para juntos lutar.





Meus colegas vamos lá,  
Todos juntos colaborar,  
Com os saberes indígenas,  
Para educação melhorar.

Precisamos educar,  
Para unidos alcançar,  
Mas precisa que as famílias,  
Venha participar.



## A Índia do Cantagalo

Na aldeia Cantagalo morava uma índia que gostava de criar cabras, mas como não havia pasto, ela tinha que levá-las todos os dias para comer em uma roça distante. Essa roça ficava um pouco distante de sua casa, pois ali era o único lugar que tinha comida. Quando a índia chegava à roça ela ouvia um berro de bode e ao chegar a sua casa comentou com sua família o que tinha ouvido. Chegaram a duvidar e dizer que era coisa da sua imaginação então resolveram acompanhá-la até a roça e ouviram também.





Foi daí que acreditaram e viram que não era imaginação e sim um bode encantado que ninguém podia vê-lo. Deste dia em diante colocaram o nome da roça “Saco do Bode” que é conhecida até hoje.





## A Onça Encantada do Serrote

Conta os anciões da nossa comunidade que no Serrote morava uma grande onça. Ela protegia a entrada secreta para o interior do Serrote onde ficavam guardados muitos encantos e belezas inigualáveis. As paredes do interior do Serrote eram douradas de cor dos raios de sol, pois refletia toda a beleza do ouro que lá existia.





Muitos índios de nossa comunidade tentaram entrar na gruta mas todos voltavam quando se aproximava porque ouviam um grande rugido que os deixava apavorados e acabavam retornando para a aldeia.

A Onça era encantada, pois ninguém nunca a viu, só ouviam seus rugidos. Alguns índios que teimaram em entrar na gruta, nunca mais voltaram. Dizem os mais velhos que foram devorados pela onça, outros dizem que se encantaram com tanta beleza e acabaram ficando por lá.

## A Sucuri

Certo dia um homem, cujo nome era Fulomeno e seu filho Paulinho saíram para pescar no rio. Chegando lá eles pegaram a canoa, uma tarrafa, remaram um pouco e logo começaram a pescar. Pescaram, pescaram e nada de conseguirem pegar os peixes.

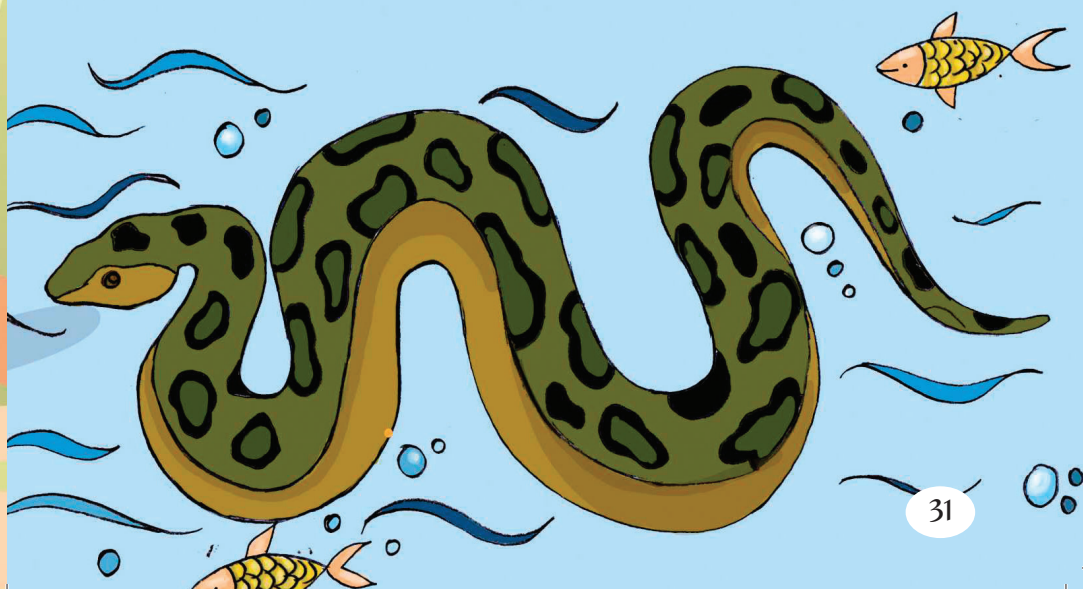
Fulomeno e Paulino já estavam muito tristes e cansados de tanto pescarem e não conseguirem pegar a mistura para comer com o feijão. Paulino então olhou para o lado e avistou uma porca descendo na água.

Olha pai, o que vem descendo na água! O pai rapidamente olhou e disse:

Vamos pegar!

Então eles pegaram a porca, colocaram dentro da canoa e continuaram remando, remando, remando...

Avistaram um tamborete, também descendo na água. Ligeiro pegaram esse tamborete e colocaram na canoa. Os dois homens continuaram remando quando viram um cacho de banana, e logo pegaram com muito cuidado as bananas e colocaram na canoa.



Então um olhando para o outro falou:

- Vamos embora que nós já pegamos foi muita coisa! Uma porca para engordar, um tamborete para sentar e um cacho de banana para nós comermos.

Fulomeno e Paulino seguiram para casa muito alegres e sorridentes. Paulino estava sentado no piloto da canoa e Fulomeno na proa quando apareceu uma Sucuri querendo pegar Paulino. Fulomeno para defender seu filho pegou o Tamborete e jogou na cobra. A cobra engoliu o tamborete bem depressa e continuou querendo pegar o menino.





O pai pegou o cacho de banana e jogou na cobra, mas foi mesmo que nada, a cobra insistiu em pegar o menino Paulino. Então o pai sem ter mais jeito a fazer, a única coisa que sobrou foi à porca. Então Fulomeno pegou a porca e jogou, a cobra engoliu também a porca. Parece que ela estava há muitos anos sem comer e continuou tentando engolir o menino, até que ela conseguiu mesmo!

Fulomeno, muito aflito, já tinha até perdido as esperanças de encontrar o filho. De repente a Sucuri aparece e Fulomeno lembrou que alguns dias atrás tinha deixado um facão embaixo do piloto da canoa. Correu rápido, pegou o facão e começou batendo com muita força na cobra até que conseguiu matar e arrastá-la para uma pedra que tinha perto. Fulomeno conseguiu abrir a barriga da cobra com o facão e quando ele terminou de abri-la, encontrou Paulino sentado no tamborete comendo bananas e jogando as cascas para a porca.



# A Indiazinha que virou Flor

Em uma aldeia bem distante morava uma indiazinha que gostava muito das flores nativas de sua aldeia, todos os dias ela passava horas e horas observando as flores e sonhando em um dia ser uma linda flor.



Certo dia a indiazinha teve um sonho e nesse sonho ela conversava com Tupã pedindo para ser como as flores de sua aldeia: bela, cheirosa e colorida. Assim Tupã realizou o desejo da jovem indiazinha e a transformou em uma bela flor deixando sua aldeia ainda mais bonita.





# A Onça e o Macaco

Era uma vez uma onça e um macaco que só viviam brigando, até que a onça teve uma ideia e chamou o macaco para ter uma guerra.

O macaco topou e disse para a onça:

Quem perder sairá do bosque e da floresta.

A onça disse:

Eu topo, amanhã vou convidar meus guerreiros também.

Mais a onça esperta foi logo à noite. A onça pensou:

Vou convidar só os animais grandes.

Quando o dia amanheceu, o macaco foi convidar os dele, mas quando ele chegava nos animais grandes, a onça já tinha convidado.

O macaco voltou muito triste e logo pensou:

Se a amiga onça convidou todos os animais grandes, então vou convidar todos os animais pequenos.

Assim fez o macaco, convidou todos os animais pequenos, quando eles chegaram era só os animais pequeninos como os besouros.

O macaco colocou todos os besouros em uma cabaça e exclamou:

Vamos meus guerreiros!





Então partiram. Ao chegar perto, o macaco avistou a onça e todos os animais grandes.

A onça falou:

Desista amigo!

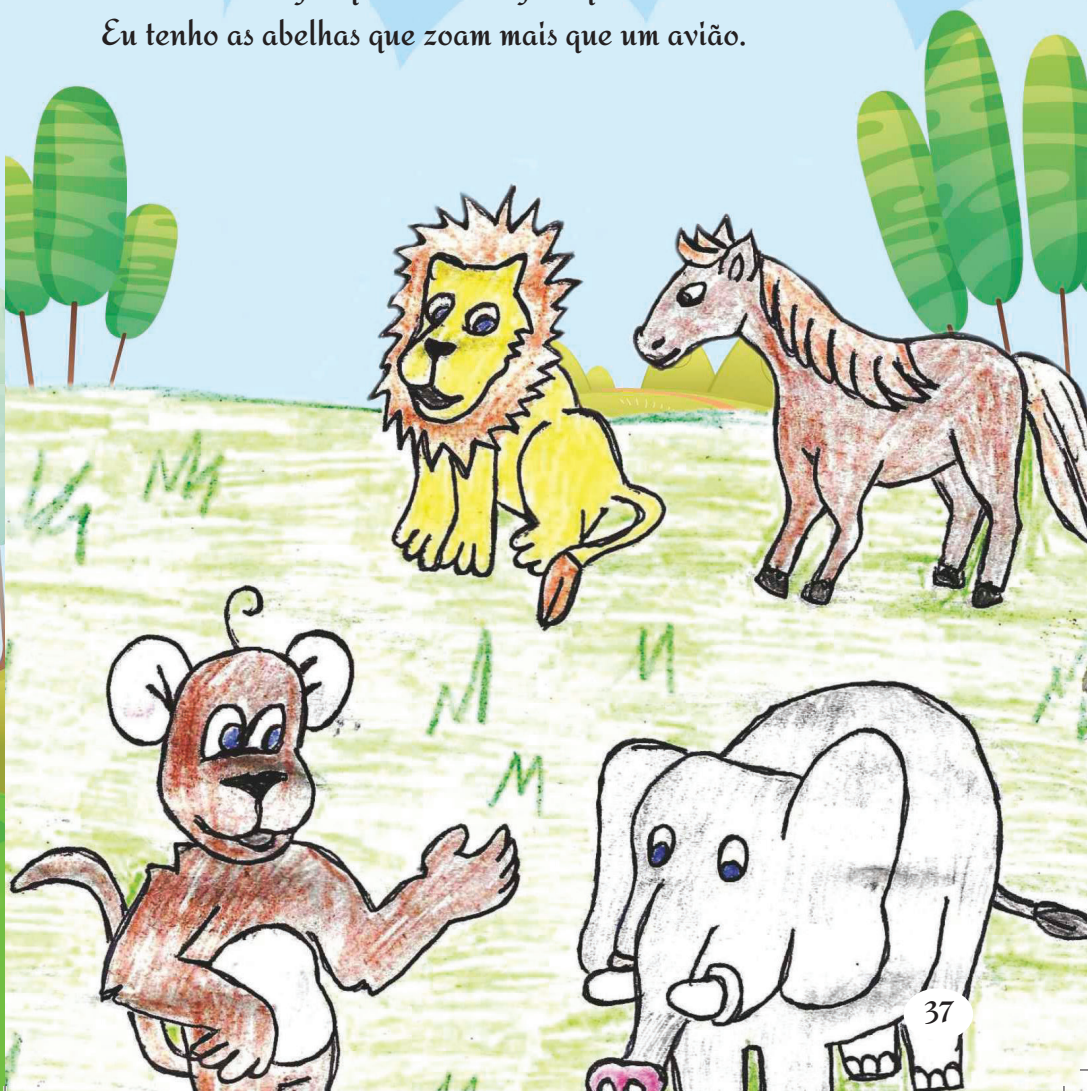
Nunca amiga onça.

Eu trouxe um cavalo que dá muitos coices, patadas.

Eu trouxe um cavalo do cão que bate as asas como um motor, tem um rabo igual a uma espada, respondeu o macaco.

Eu tenho um tigre que dá um rugido que nem um trovão.

Eu tenho as abelhas que zoam mais que um avião.



Novamente falou a onça:

Eu tenho um leão que rosna e berra, todos os animais tremem de medo quando ele passa.

Eu tenho um mangagar que fura o chão, chega a estremecer, mijá fogo, ninguém aguenta.

Então o macaco se preparou, deu a voz e abriu a cabaça e todos os besouros começaram a atacar. Os animais grandes correram todos. E o vencedor, foi o macaco. Depois de dois dias o macaco encontrou a onça e perguntou a amiga como estava se sentindo. Ela respondeu:

Estou muito mal, tomei muitas furadas, muita fumaça, ainda bem que não me furou o olho, estou tonta até hoje.

O macaco lhe disse:

Comigo é assim, com minha mangagar e meu besouros ninguém pode. Somos pequenos mas unidos somos fortes!



# Namoro Tumbalalá: A Sabedoria e o Tempo

A Sabedoria e O Tempo contam que,

- Na nossa época o namoro dos jovens Tumbalalá era diferente, quando nós éramos adolescentes o namoro era diferente, o rapaz e a moça não podiam beijar, no rosto, na boca nem se pensar! Se isso acontecesse a moça desonrada iria ficar.

Eles começam a citar como se dava as primeiras paqueras para depois chegar ao namoro e ao casamento:

- Quando o rapaz começava a se interessar pela moça com intenções de namoro jogava um lenço dado um nó folgado para ela dar sua resposta: sim ou não, a paquera também surgia através dos olhares e da li surgia a troca de versos entre os amados.

“ Menino da camisa branca, carreirinha de botão se tu não quer nada comigo deixa de tanta chateação”.





“Alecrim da beira d’água não se corta de machado, corta de canivete do bolso do namorado”.

- Se ela devolvesse o lenço com o nó mais arrocado estava dando um sim ao futuro namorado e se devolvesse com o nó desmanchado era um não bem empregado.

Percebia que o casal ao contar a história, seus olhos brilhavam de alegria, isso mostrava que era um gesto de amor e harmonia.

- quando a moça dava um sim através do lenço ou dos olhares o namoro começava, logo noivavam e se desse certo o casamento não demorava, pois a família vigiava.

Lembra ela:

- Quando conheci o Tempo, foi através dos olhares, e logo nos apaixonamos, beijos ele foi cobrando, mais como para as mulheres tudo era mais complicado, sempre fui negando.

Dona Sabedoria diz:

- Com seis meses de namoro um beijo no rosto o tempo mim deu, fiquei com tanto medo, que chorei. Mulher beijada ficava desonrada, mas o Tempo mim amava.

Depois do beijo:

- Noivamos e depois nos casamos e até hoje nos amamos.

O Tempo e a Sabedoria:

-Filhos nós tivemos! e assim nós dissemos:

-Hoje na aldeia Tumbalalá beijar é normal, mas uma coisa não pode faltar; Tempo e Sabedoria juntos sempre tem que andar, no meio de toda essa modernidade a essência dos valores tem que continuar.

\*. Este texto foi produzido na Licenciatura Intercultural Indígena e está sendo republicado por solicitação da autora.

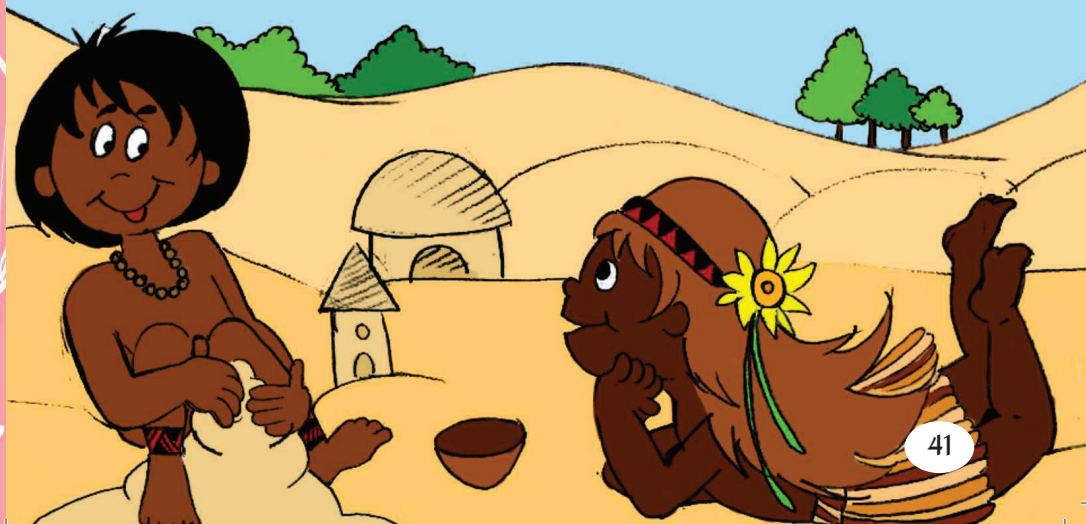
## Brincadeira de criança nas areias de D'zurubabé

Mani e Maiara são grandes amigas. Elas moram na cidade de Rodelas, que fica localizada na parte norte do sertão baiano, na aldeia Tuxá. Sempre que vão à praia de D'zurubabé, elas ficam em baixo das árvores ou na barraca na beira da praia, brincando de criar enormes castelos com a areia molhada.

Elas costumam fazer muitos bichinhos ou brinquedos de areia como: peixes, panelas, pato e, até pratos elas fazem para cozinhar os peixes.

As meninas se distanciaram e logo Dona Lara as chamou: Meninas! venham para perto da barraca onde estamos, pois vocês já sabem que o rio é perigoso e tem seus mistérios.

As meninas logo vieram e ficaram quietinhas brincando no raso do rio, ao lado da família . E dessa forma, as crianças se divertiram bastante no D'Zurubabé. Na hora de ir embora, Dona Lara só levou as crianças ao D'Zurubabel porque elas são espertas e sabem ouvir o conselho dos mais velhos e respeitar os mistérios do Rio.



## Minha Infância na Aldeia que a CHESF afogou

A vida na antiga Aldeia Tuxá Rodelas era muito difícil, porém maravilhosa. Cresci feito um bicho solto, passava grande parte do dia no rio, pescando de “colfo”. Eu entrava no rio o mais fundo possível e voltava com as pernas abertas até a beirada do rio trazendo os peixes entre as pernas, e outras crianças ficavam esperando na beira do rio para pegar os peixinhos que trazíamos. Já, os peixes maiores nós comíamos, acendíamos um fogo na beira do rio e os assávamos, as piabas menores nós engolíamos para podermos nos tornar bons nadadores.



Hoje percebo que não era necessário engolir aquelas piabas para sermos bons nadadores porque afinal, a maior parte do que fazíamos era em parceria com o rio e querendo ou não, nós tínhamos que ser bons nadadores ou então morríamos afogados. Eu e outras índias Tuxá éramos muitos “sapecas”, pegávamos as canoas e íamos colher mangas e cajus nas ilhas, atravessávamos o Rio como se fosse uma brincadeira de crianças livres, integradas à natureza, crescendo e aprendendo com os seres encantados que lá viviam e ainda vivem. A terra que meus avós tinham na Ilha-da-Viúva era muito pequena, porque foi herdada da minha bisavó, e teve que ser dividida por todos os filhos dela.

Meus avós, para sobreviver tinham que trabalhar de “meeiros” nas roças dos “brancos”, do outro lado do rio. Eles iam todos os dias para a ilha dos “brancos” para trabalhar plantando cebola e cuidando da plantação de coco, e eu juntamente com meu irmão, meus tios e primos ficávamos na aldeia para podermos ir à escola que ficava na rua dos “brancos”. Meu irmão Raul Campos Neto (falecido) passou boa parte de sua vida no hospital da Jaqueira na cidade de Recife-PE, aos cuidados da FUNAI, porque ele nasceu com um problema nos pés e era necessário fazer várias cirurgias. A minha irmã foi criada pelos meus avós paternos, e não sabia nadar e só os “brancos” não sabiam nadar direito, quando ela ia tomar



banho no rio era a minha avó que dava banho nela, com medo dela se afogar, enquanto nós que vivíamos na aldeia parecíamos umas piabas, e ninguém tinha nenhuma preocupação conosco no rio, era como se ele fosse nossa segunda casa.

oje estamos no ano de 2017, mais de trinta anos passaram e estamos morando em outro município, devido á diáspora que o povo Tuxá sofreu, em consequência da barragem que inundou a minha antiga aldeia.

A nova Aldeia é maravilhosa também, mesmo assim, sinto muita falta do rio, pois aqui estamos no sertão em uma região que não tem rio, a água que temos acesso é de poço artésiano, e muitas vezes a bomba que puxa a água quebra, nos deixando sem água, é uma realidade completamente distinta da que vivíamos, saímos da nossa antiga aldeia para não sermos afogados e viemos para um lugar que muitas vezes passamos necessidade de água.

Na nova aldeia os únicos lugares que temos para diversão é o Alto da Jurema, a Escola, e o Centro dos rituais, o qual fica em uma das salas da escola. Todos da comunidade se divertem participando dos rituais, dançando o Toré e bebendo a Jurema. É maravilhoso viver aqui, mas a saudade da antiga aldeia fica guardada em nossos corações.











ISBN 978-658092802-6

9 786580 928026

**Realização:**

DEDC - CAMPUS VIII  
Departamento  
de Educação



**UNEB**  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA



CENTRO DE PESQUISAS EM ETNICIDADES,  
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
Juazeiro - Paulo Afonso - Euclides da Cunha



**SABERES  
INDÍGENAS**  
INSTITUTO IPIKÁ



**LICEI**  
LICENCIATURA INTERCULTURAL  
EM EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO  
ESCOLAR INDÍGENA



**PROAF**  
PRÓ-REITORIA  
DE AÇÕES AFIRMATIVAS



**PROEX**  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



**PROLIND**

**Parceiros:**



SECRETARIA  
DA EDUCAÇÃO

SEMESP  
Secretaria de Modalidades  
Especializadas de Educação



Fundo Nacional  
de Desenvolvimento  
da Educação